

QUINTA-FEIRA
Lisboa--6 de Fevereiro--de 1930

5^ª SÉRIE
OSTÓES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

1934



sempre
fi **ve** **se** **manadão**
fumorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A falsificação de uma frase

— Napoleão caiu em Waterloo e eu caí aqui!

(Palavras de Alves Reis)



O que ele devia ter dito:

-- Napoleão caiu em Waterloo e eu caí em WATERLOW!



Os ditos da semana



Telefone automatico

Lisboa vai ter um melhoramento. Lisboa dentro em pouco, dispensará aquelas meninas que estão na ponta do fio e são encarregadas das ligações, mas que muitas vezes não nos ligam nenhuma.

A Companhia distribuiu já instrucções para a gente saber como se maneja o aparelho. É coisa simples.

O aparelho não é tão automatico como se diz, porque, se a mão do homem não meter o dedo no orificio, o automatico fica tão calado, como quando ha meninas que não ligam.

Deixemo-nos, pois, de fantasias a respeito de automatismos. O que nós queriamos era um telefone tão automatico como um gato que cá temos em casa, que mia sem ninguem lhe tocar, principalmente neste frio Janeiro que vai correndo, por causa de umas automaticas ligações que arranja por cima dos te-lhados.

Mas, como iamoz dizendo aquilo é uma coisa simples.

Mete-se o dedo no buraco e faz-se guiar o disco, tantas vezes quantos forem os algarismos do numero que se pretende, sempre a começar pelo 2, que é a maneira mais pratica de indicar que, para falar ao telefone, são sempre precisas duas pessoas, pelo menos, não contando com as interferencias daquelas que se metem na nossa conversa e nos mandam bugiar ainda por cima.

Se o numero pedido estiver impedido, o aparelho apita. Apita o aparelho e apitamos nós, porque não ha nada para nos fazer apitar como o insucesso de uma ligação. Sempre é levar com a tampa.

Se a ligação estiver mal feita ou se o numero estiver errado, tornamos a apitar — nós e o telefone, que já anda a tomar lições de apito com um policia sinaleiro.

Quando não haja contra-tempo, obtem-se a ligação e é só falar. Succede, porém, muitas vezes, que o contratempo vem quando se fala, mas disso não tem culpa o telefone. E então somos só nós a apitar, porque a conversa nos não agrada.

Segundo as instrucções é indispensavel aprender a conhecer os sons do apito. Tem a sua sciencia. Não é só chamar-lhe apito.

Ha sons agudos, sons graves e sons intermitentes, porque tambem ha varias espe-

cies de impedimentos para falar.

Exemplifiquemos: o telefone está impedido: Pi-u-Pi-u-Pi-u-Pi-u, que é como quem diz — tarde piaste, já está outro a falar. A gente engana-se no numero e o telefone grita de lá com todos os r r: Brrru, que é a maneira que o aparelho tem de chamar burro ao subscritor.

Quere uma pessoa falar a uma mulher casada, ás escondidas do marido, mas engana-se nas horas, e de lá, responde-nos o marido: Que deseja? Este agora não é som agudo nem intermitente. É grave. É mesmo muito grave. Esconde-se a gente atraz dos fios e, para evitar trabalhos coloca o auscultador no descanco. E então é o marido que apita, ensarilhado nos fios.

Nada mais. É simples, muito simples, mas ainda vamos ter saudades das meninas.

Um livro Mario Domingues, nosso prezado colaborador e jornalista brilhante,

acaba de pôr á venda um livro a que está reservado um grande successo de livraria: *O preto do charleston*.

O *Sempre Fixe* como não tem critico literario, limita-se a anunciar o livro recomendando-o aos seus leitores, tanto mais que se trata de uma obra a que não falta cor... literaria.

Boletim meteorologico

O vento sopra rijo. Anda tudo no ar. A natureza faz grandes diligencias para deitar tudo abaixo, mas o mundo é um boneco de sabugo — sempre em pé.

Por vezes um raio de sol espreita por entre as nuvens caliginosas, e uma esperança nasce em nossos corações: vai finalmente acabar o mau tempo, mas o bom tempo nunca chega. E os nuvens negras acastelam-se no horisonte.

A primavera ainda vem longe. Nem uma flor que alegre os campos e os jardins. Por enquanto só ha cerejeiras em testa.

PELOS ARES...



Stuart Carvalhal, nosso querido colaborador, farto de andar por terra, andou noutro dia pelas ares na companhia do Ribeiro da Fuzsco, experimentando alguns voados.

A Stuart, segundo ele proprio confessou, só lhe faltam agora duas coisas na vida: andar de submarino... e de muletas...

Adivinhar Da cadeia de Arouca fugiram trez prezos. Como não se esperava que fugissem, não havia um policia na primeira esquina para lhes deitar a mão. Ninguem pode, por isso, acusar a policia de desleixada, a não ser que, como queria o saudoso Dr. Assis, se tivesse estabelecido que, ao pé de cada prezo que estivesse para fugir se collocasse um agente da auctoridade.

A policia, como nós e como toda a gente não sabe adivinhar.

Não sabe, mas ás vezes adivinha. Adivinha que estão para chegar certas pessoas que viajam incognitas.

A grande burla A grande burla do Angola e Metropole continua. As notas de 500 escudos foram uma burla. A sua passagem uma burla foi. Foi uma burla a correspondencia trocada com a casa Waterlow, como foi burla o titulo de engenheiro do burlão. O proprio banco era uma burla e só não é burla dizer-se que tudo foi uma grande burla. É mais. A burla ainda não acabou. Prezo, o burlão maquina outras burlas: a burla da deleza de Marang, com documentos que eram uma burla e novas burlas, com assinaturas falsas e papel roubado, burlando o ladrão que o roubou, não lhe dando integralmente a paga prometida.

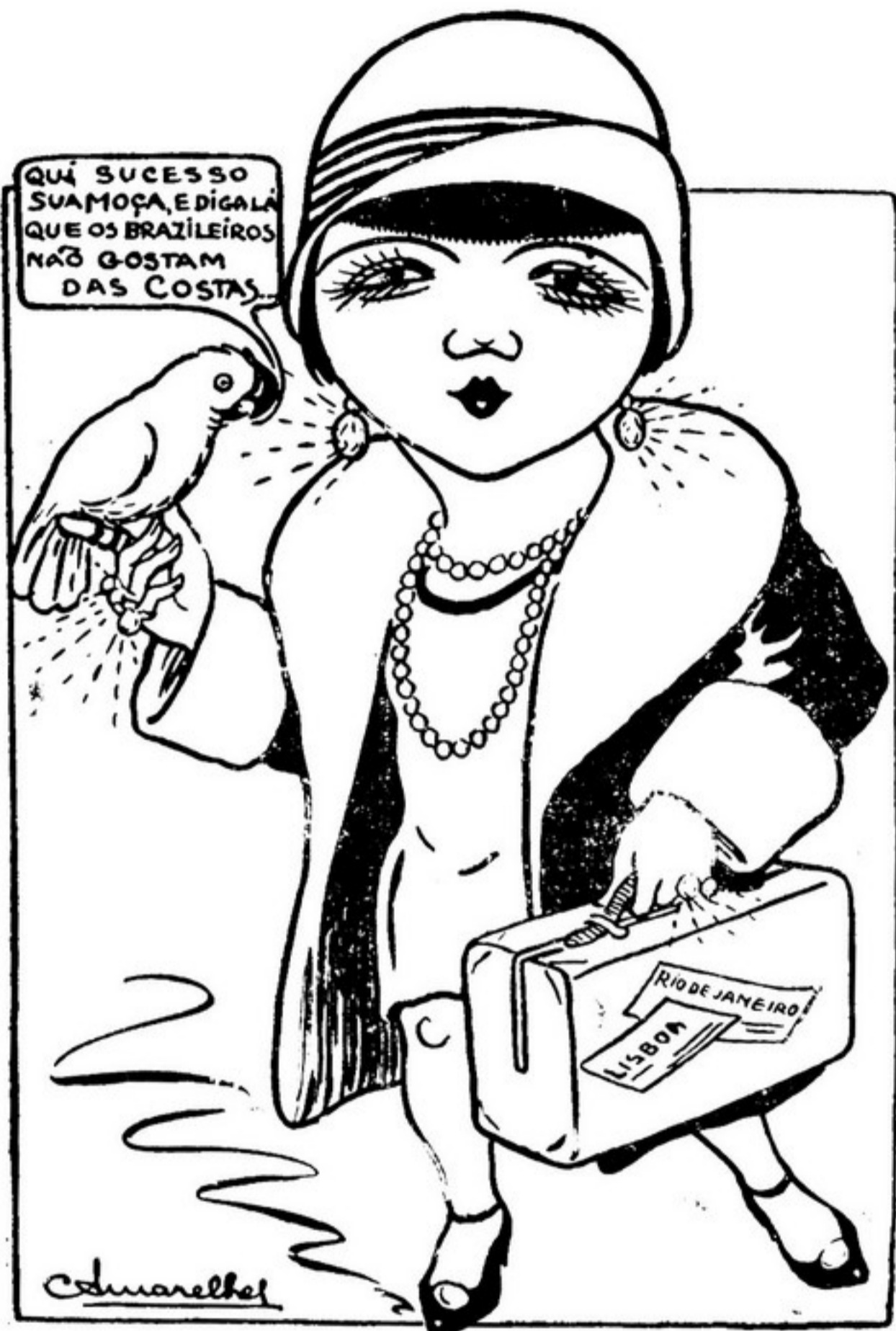
É quem nos diz a nós que as confissões do burlão não são novas burlas? Que fins misteriosos procura ele com tantas franquezas? Burlar a Justiça.

Este burlão sabe tanto de burlas que, quando um dia morrer, o medico que verificar o obito tem de acautelar-se, porque ele é muito capaz de estar vivo e a proprio morte ser uma burla. Mas se real e efectivamente estiver morto, sem burla, que se acautele o S. Pedro á porta do céu, porque quem passou cem mil contos de notas falsas tambem é homem para passar pela porta do céu, sem bilhete, burlando o porteiro. E uma vez lá dentro, se o Padre Eterno o chamar a contas, apresentar-lhe ha um salvo-conduto, assinado por S. Pedro—documento falso, da mão habilidosa dum Manoel das Santos das unhas que ha de haver no céu.

Por causa deste grande e proprio S. Pedro vai parar á cadeia como seu cumplice.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»



BEATRIZ COSTA — Uma «estrela» que regressa

A historia do teatro em Portugal está ainda por fazer. Pelo menos nestes ultimos tempos. E, no entanto, tanta coisa havia que dizer e que escrever... As temporadas passam e passam-se tambem episodios que mereciam registro. Ficam só as criticas. Estas mesmo... espalhadas pelas colunas dos jornais. E são elas a expressão do que se desenrola nas epocas teatrais? São elas a verdade do que, realmente, acontece? Aquil temos de deixar suspenso um ponto de interrogação. Basta lembrar que somos um pais pequeno e que nos conhecemos de tu, uns aos outros. Ha sempre o melindre, compreensivel em muitos casos. A' saída de uma premiere é raro não ouvir o publico:

— Vamos a vér o que diz amanhã a critica!

O habitué compra logo de manhã os jornais e decora a noticia do espectáculo da vespera. Quasi nunca concorda. Tem lá uma fórmula de vér com, que o crítico não concordou... muito pessoal... E comenta:

— Poderá, ele é amigo do empresario!

— Ou não!

— Não se dá conta de que, com o tempo, se vão tornando todos iguais, mas o publico não distingue e fala na generalidade.

Mas isto passa-se hoje, no ano de 1930. E no tempo dos nossos avós, não seria assim? Era... era pior. Senão vejamos o que nos diz Julio Cesar Machado, num livro que pertence á nossa modesta biblioteca e que se intitula «Os teatros de Lisboa» e que data de 1875. Já lá vão 55 anos!

Passamos a transcrever:

«Os jornais tem ás vezes, entre nós, grande dificuldade para a apreciação das coisas teatraes: muitos jornalistas que escrevem acerca dos espectaculos traduzem peças para os teatros e ficam por esse facto na necessidade de louvar firmemente actores e actrizes. Mas, Deus me acuda! Iras e vaidades, de gente de teatro, são de tremer.»

Parece escrito hoje, embora não seja regra geral. O nosso Julio Cesar Machado fecha este periodo — que tem verdades, embora amargas — com esta curiosa comparação, que merece lér-se:

«Dizia um homem que nunca se deve chamar o dono da casa de pastor para lhe fazer queixa dos creados; porque ele, para contentar o fraguá, ralha com o moço e o moço põe-se muito humilde e pede desculpa; mas depois, em troco, e sem saber o certo que se lhe deve fazer, vai a vingar-se do pastor pelo corredor adiante.

O unico meio é comer ovos na

casca; e com o teatro nem esse meio ha.

Em um tradutor fazendo queixa no jornal, ao publico, que é o verdadeiro dono daquela casa, de que os comicos lhe dellaram a obra a perder, está morto; se aparecer outra vez no palco, não cuspirão no prato, mas são capazes de lhe cuspir na cara, para maior pratinho! E' medonho.»

Damos hoje estas transcrições ao habitué das premieres que não concorda muitas vezes com o que o crítico escreveu. Já assim se escrevia ha 55 anos e não havia a soma de dificuldades de vida nem a soma de interesses ligados todos ao mesmo fim. A gente de teatro, e nela incluímos os criticos, são uma e a mesma familia, embora de vez em quando, como entre familia, haja zangas e pancadaria uns nos outros...

A invasão espanhola... Foi o que marcou na semana teatral.

De ha muito que não eramos visitados por artistas estrangeiros. As dificuldades com que lutam os empresarios para nos darem, de longe em longe, teatro lá de fóra, deviam desaparecer.

Todos lucravam. O publico e os nossos artistas.

O primeiro, que não pode ir ao estrangeiro, fica conhecendo como se representa nos outros países, e os segundos sempre veem gestos e atitudes em que não estão viciados. Verdade seja que ha artistas, entre nós, que se julgam mestres e tem tanto que aprender...

E' costume dizer-se, quando alguem, que muito viveu e que muito recebeu, está um pouco posto de parte, por este ou por aquele mo-

tivo, que: «fulano ou fulana colado, está ás moscas...»

Em gíria teatral, quando uma peça não dá, diz-se de igual modo, a cada passo: «Está ás moscas».

No momento actual, por o que um insecto está tambem ás moscas...

De tudo se faz blague até quando os empresarios andam ás aranhas com a sua vida!

DUMA noticia teatral:

«Estreia-se amanhã, em Cuba, a «pauha...»

Em que vapor partiram, para atravessar o Atlantico? Não demos pelo embarque... Deve ser o inicio do intercmbio teatral luso-cubano!

«VENDO tanto nome portu- gues a dar a teatros e a cinemas, não lembrava a ninguém, a não ser aos portugueses, chamar: Royal, Trianon e agora Zof as novas casas de espectaculos.

Os dois primeiros ainda vá; agora chamar Zof, que nada é nem nada diz, só porque a empresa é a do Fez, que Deus haja, é que não atingimos.

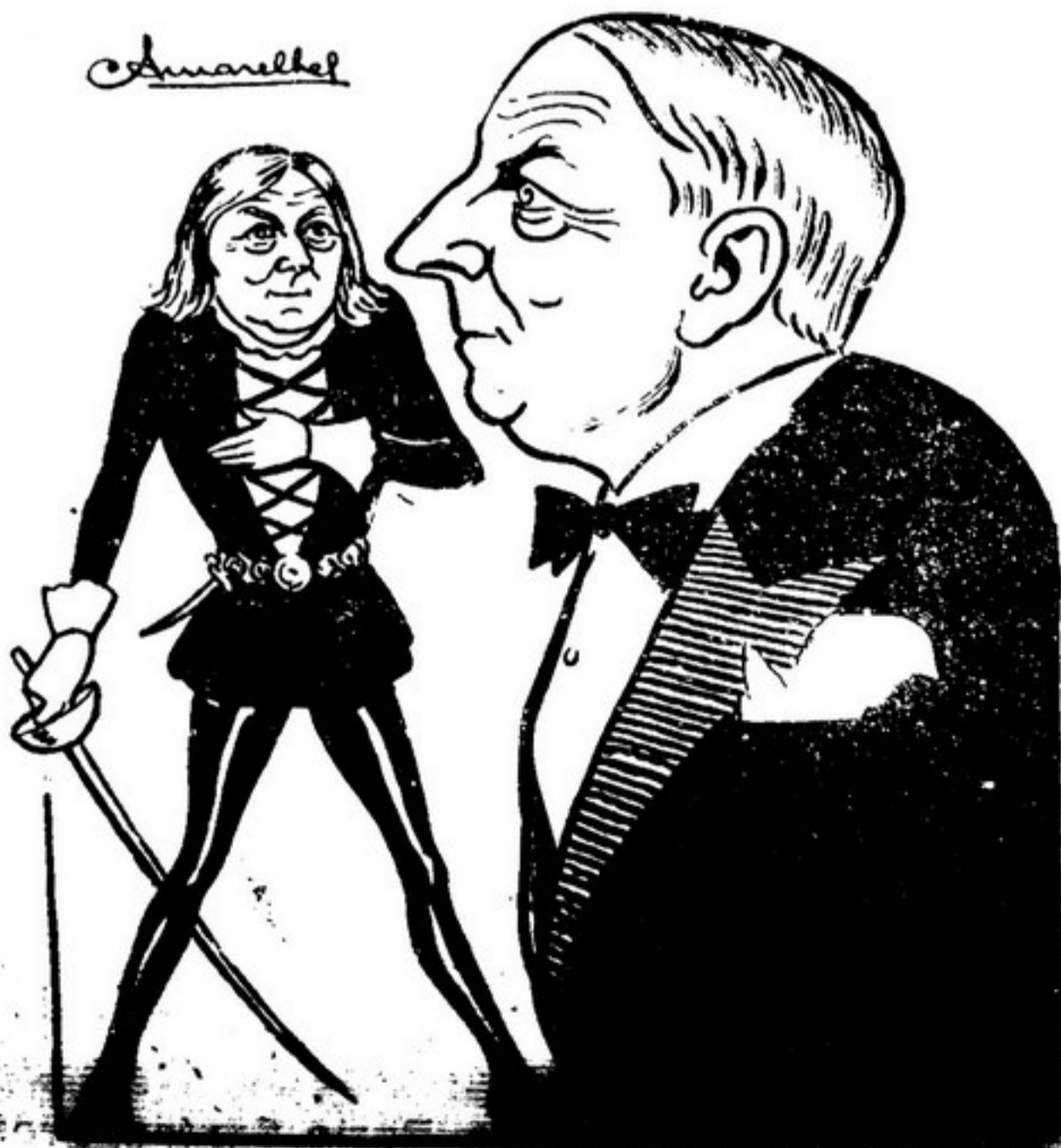
Porque seria? Não atinamos.

A proposito, lembra-nos um caso que nos contaram:

Dias antes de abrir certo cinema, juntaram-se os proprietarios com alguns amigos, para se assentar no nome a dar ao salão que ia ser inaugurado. Todos deram a sua opinião, até que um, disse muito convencido de que tinha descoberto o melhor, entre os melhores:

— Eu cá chamava-lhe «Sine qua non».

O Homem das 5 horas



RICARDO CALVO — Um actor de grande «classico».

Graça dos outros

Momento oportuno:

— De facto, a minha memoria está cada vez pior. Por este caminho, amanhã sou capaz de ter esquecido aquilo que fiz hoje...

— Olha, afinal de contas, isso não é uma grande desgraça. Tens tu, por aí, uma nota de 5 escudos que me emprestes?...

* * *

Ele, já durazio, rebelde ao casamento: — Não, minha amiga, decididamente já não caso. Amei, em novo, uma mulher que me fez doido.

A viuva, despeitada: — Que impressão tão duradoura que ela lhe fez!...

* * *

O pai: — E o que faz na vida esse rapaz que te namora?

A filha: — O que ele faz, papá? Escreve.

O pai: — Não me parece que um escritor possa ter grande futuro!

A filha: — Não, papá; ele não é escritor. Ele o que faz é escrever ao pai, quando precisa de dinheiro.

* * *

Ele: — A Belmira é, com certeza, mais bonita, mas está longe de ser tão inteligente como a Constança.

Ele: — Talvez.

Ela: — E tu, Carlos, o que preferes: a beleza ou a intelligencia?

Ele: — Nem uma coisa, nem outra. A minha preferida és tu...

* * *

— Papá! Vem jogar ás escondidas!

— Não, filho! Foi assim que conheci a tua mãe!...

* * *

Num exame de quimica:

O examinador: — Que se faz para passar um hiposulfito a sulfito?

O examinado: — Prêga-se-lhe um susto!

O examinador: — O quê?...

O examinado: — Sim, senhor; para deixar o hipo...

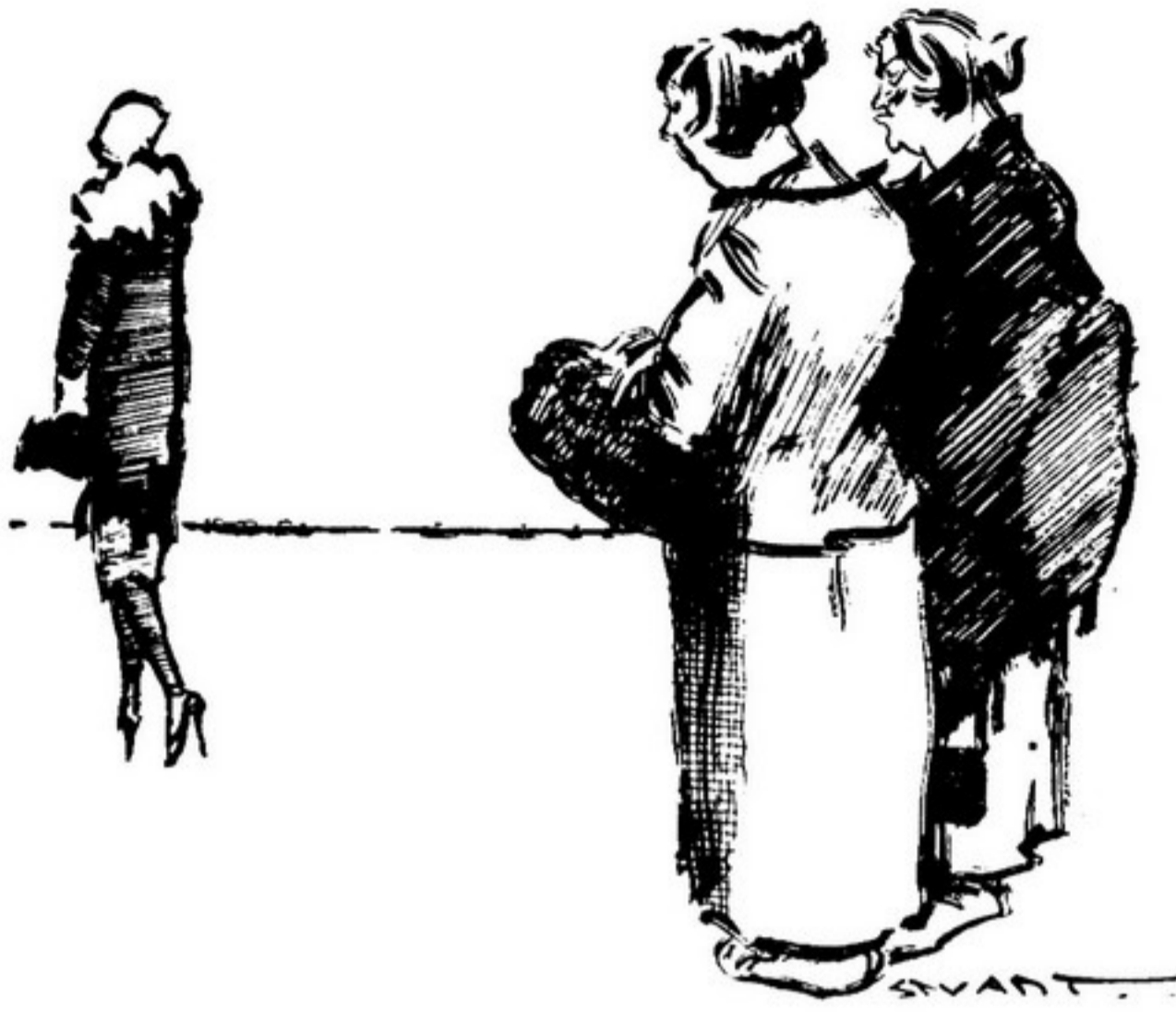
* * *

Na rua.

Joanito: — Senhor! Perdeu alguma nota de cinco escudos?

O transeunte: — Perdi, sim! Onde a tens?

Joanito: — Não a tenho. E' que eu faço colecção de cavalheiros que perderam uma nota de cinco escudos. Já tenho vinte e seis!...



— E' uma porca! Tu não calculas! Diz a criada que todos os dias toma um banho perfumado!

CONSULTORIO DO "FIXE"

P. 10: — Tenho ouvido falar na caça aos gambuzinos. Pedia o favor de me dizer a que especie zoologica pertencem esses bichinhos. — *Humberto da Conceição.*

R. 10: — O senhor é muito indiscreto e julga que nós estamos dispostos a aturá-lo. Então não sabe que o gambuzino é um anfibio que tanto se caça como se pesca. Vá para a saída do caneiro de Alcantara, mas deve ir num bote, sózinho, e deixe-se lá estar uma noite inteira e depois escreva para cá, a contar as suas impressões.

P. 11: — Peço a subida fineza de me dizer se ainda hoje é boa esta definição de *Sublimação*: a passagem do estado solido ao estado gazoso sem passar pelo estado liquido? — *Pascal da Costa.*

R. 11: — Era, era, mas agora tudo mudou.

Sublimação é a passagem do estado solteiro ao estado viuvo sem passar pelo estado casado.

Como vê, não ha coisa mais sublime. Não acha?

P. 12: — As bombas de clorato rebentam. Porque razão a gente gargareja com clorato e não rebenta nada cá de dentro? — *Alquimico.*

R. 12: — Rebenta, sim, senhor. O senhor é que ainda não fez a experiencia.

Gargareje com muito clorato,

consERVE o soluto na boca e meta em seguida a cabeça debaixo de um electrico. Vai vêr o lindo estoiro.

P. 13: — Quero aprender a nadar e queria que V. me indicasse um bom livro para, depois de o ter lido e estudado, ir para dentro da agua confiando na minha sciencia natatoria. — *Joaquim Anfibio.*

R. 13: — O senhor quer então aprender a nadar de livro? Para esse fim qualquer livro serve: o «Manual da Cosinheira», os 14 volumes do «Rocambole», a obra completa de Paulo de Kock, etc. Atire-se á agua com toda essa livraria e depois escreva, a contar aquilo que lhe succedeu. Ou é pescado e perde logo a mania da natção teorica, ou então temos de invocar o seu espirito para obter mais completos informes.

P. 14: — Andei quinze anos no liceu e nunca consegui passar do 3.º ano. Peço que me responda se o curso respectivo é tão difficil como á primeira vista parece. — *Valente Junior.*

R. 14: — Crédo, senhor! Que inepcia a sua! Nunca chegou além da terceira classe porque «o seu cerebro é uma deusa neblina que se não deixa atravessar pelo mais simples e luminoso raio da intelligencia». Sente-se

Z. M.

Salvo seja...

Felisberto Carneiro, querendo celebrar pomposamente o baptismo do seu primeiro rebento, acordou com a esposa D. Gumersinda Mé, em convidar para o festim uma meia duzia de amigalhaços *unhacas*.

Deve dizer-se que os esposos Carneiros não eram ricos; antes pelo contrario... Todavia, um dia não são dias, e para a riachada sempre havia de chegar.

Chegado o grande dia, paranin-fado o meudo, que ficou chamado Vicente, em homenagem ao avô paterno, que era ilheu, nascido na ilha do Corvo, o grupo dos amigalhaços abancou ridente á mesa dos esposos Carneiro. Entre os do grupo, um havia que de vez em quando largava a sua *paulitada*.

Reparando o fulano que os talheres eram de qualidade e procedencia varia, onde avultavam os do «Estrela d'Ouro», «Vigla», «Corpo Santo», «Leão d'Ouro», etc., o impertinente *pauliteiro*, a quem lhe coubera uma colher dos «Irmãos Unidos», reclamou do dono da casa que lhe fôsse dado o garfo da mesma marca, pois não estava certo quebrar-se a tradição daquela casa e, como bons irmãos unidos, o garfo e a colher eram ali inseparaveis como o haviam sido antes no Rossio!...

Logo bebeu á saude dos restaurantes ali largamente representados.

Os convivas olharam-se de soslaio e os esposos Carneiro entupiram; mas o incidente passou para logo dar lugar a outro.

Na altura dos brindes, um dos circunstantes reclamou a presença do neófito.

D. Gumersinda, toda ancha de banhas e de alegria, apresentou á assistencia o rochonchudo pimpôlho.

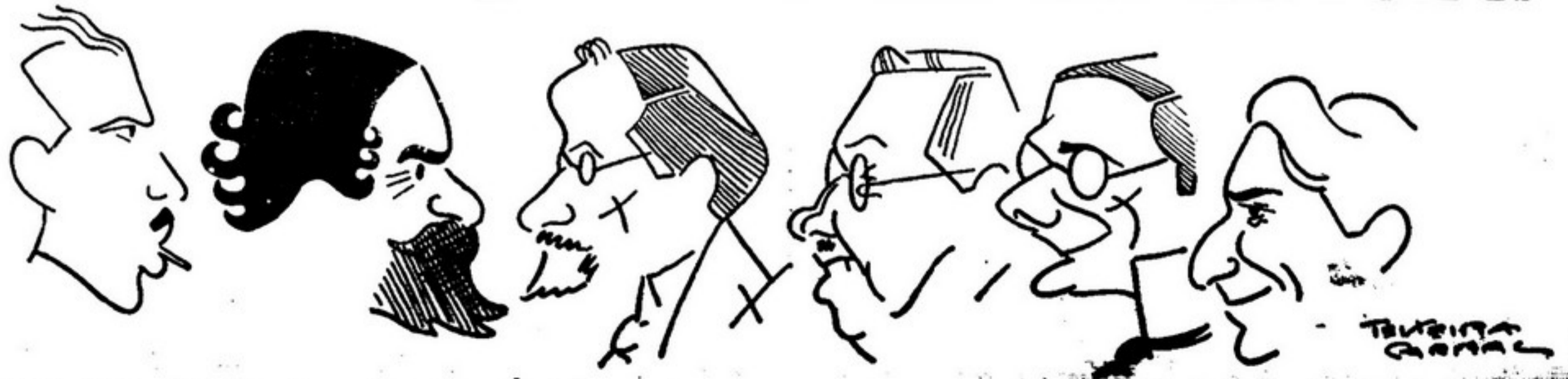
Vivas ao meudo, beijocas, felicitações, saudes, etc., acolheram triunfalmente o anfitrião.

O tal, o *pauliteiro*, metendo tambem o seu bedelho, voltou-se para D. Gumersinda e disse-lhe:

— E' mesmo, mesmo, um borrêgo! Daqui por uns dias já está capaz de marrar, e então será um verdadeiro Carneiro, como o senhor seu pai!...

Pig-Meu

A homenagem ao dr. Sá Oliveira



Alguns dos assistentes: Dr. Berja Santos, Professores Ezequiel Barbosa, Sá Oliveira, Eduardo Andreia e Soares Parente e tenente Henrique Moura

(Croquis de Teixeira Cabral)

Conversa fiada

As mulheres nunca dizem o que pensam, e geralmente também não pensam o que dizem... A regra geral diz que elas são todas faladoras, mas quando acontece calarem-se, são piores que um telefone que não responde... São de ralar a paciência! Perde-se um tempo infinito a vê se elas ligam... e nada!

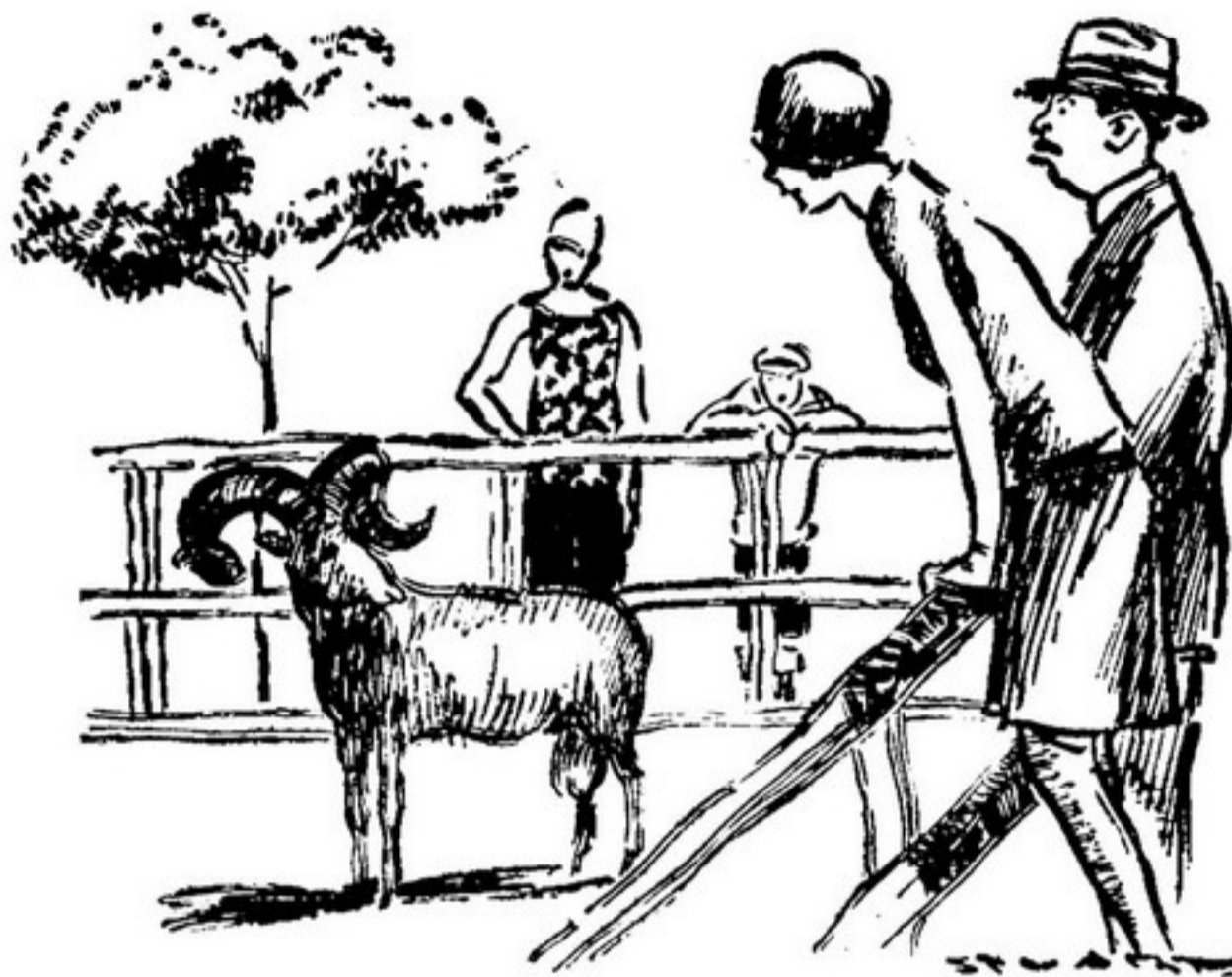
A mulher é um aparelho complicado e de instalação caríssima que se utiliza, nalguns casos, na conversa fiada, tal qual o telefone e que, também exactamente como ele, é uma coisa que a gente não ha meo de entender... Se alguém inventasse a mulher automática, estava tudo resolvido, mas isso sim!... Só para nos arrelliar, a mulher costuma estar impedida de vez em quando e, às vezes, desliga no meio da conversa por dá cá aquela palha... Algumas vezes são cabines publicas com chamadas de três minutos, outras estão sempre a falar com o proximo.

O telefone e a mulher teem entre si muitos pontos de contacto, e a prova ides encontrá-la na pequenina historia que aqui vos deixo:

Conheço um rapaz, que é por sinal moreno e cinefilo, um rapaz que foi na fita e começou por pedir informações duma loira gentil e acabou por fazer com ela uma ligação indestrutivel pelos laços do matrimonio.

Meteram nos dedos respectivos as alianças de ouro; a festa meteu cortejo e copo de agua, a Central meteu a cavilha e eles meteram-se a conversar pela vida fóra. Tudo correu bem mas, um certo dia, como a mulher é inconstante, indecifrável e leviana como um telefone da Companhia, aconteceu que um subscritor incognito agarrou-se ao aparelho e introduziu-se na conversa... Quando o rapazinho, o moreno, o cinefilo, voltou já por noite velha, encontrou a loira gentil a falar com outro... Então é que foram elas!... Insultou a mulher de P. B. X. para cima, bateu no auscultador, pediu reclamações; veio a policia, responderam-lhe do hospital, e no fim de três horas de luta, a menina da estação, com um sorriso no bocal, ligou-lhe para o Matadouro...

Sete e Meio



— Não sei como não os incomoda aquele peso na cabeça.
— Oh! filho. É' tudo uma questão de habito.

UM BOM ENTRETENIMENTO

Em França, depois da guerra, os estadistas começaram a preocupar-se com o decrescimento assustador da natalidade. Varios alvitre e medidas foram apresentados por varias individualidades. Pensou-se em conferir ás mães de mais de três ou quatro filhos os varios graus da Legião de Honra, com pensões vitalicias, que iam aumentando na razão directa do numero da prole.

Como é sabido, os franceses teem o culto e a paixão da condecoração, e ninguem duvida certamente da eficacia de uma medida que procura lisongear ao mesmo tempo os dois mais fortes sentimentos da raça e que bem mostra a riqueza dos dirigentes da França em face deste aflitivo problema da evaporação nacional.

Os nossos estadistas é que não tiveram duvidas em extinguir de um só golpe todos os titulos nobiliarquicos, porque tem a certeza de que, mesmo sem esperança de virem a ser algum dia condessas ou comendadeiras, as portuguesas continuarão a produzir luziadas em grande numero.

E a proposito, citemos um caso passado ha bastantes anos com uma guarda da linha dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que fazia serviço na passagem contigua á estação de Três Pontes.

Ana Maria, assim se chamava a muihersinha, dirigiu-se um dia ao

ministro do Fomento, a pedir-lhe encarecidamente uma ajudante para a substituir uma noite por outra, pois os comboios eram tantos que apenas conseguia dormir uma hora por noite.

O ministro, creatura atenciosa e dotada de excelente coração, perguntou-lhe:

— Que idade tem?
— Trinta e cinco, meu senhor!
— E quantos filhos?
— Catorze!

— Catorze filhos! Mas se eu lher uma ajudante, e com ela o uso imperturbavel das noites, em dez anos serão outros tantos meninos...

— Tenha dó de mim, senhor ministro!

— Pois tenho! Mas é impossivel fazer o que você pretende!

— Porque?
— Porque é uma desgraça para você e para eles, com os miseros dezoito vintens do salario!

— Eu, sósinha, não posso atender tantos comboios.

— Não, pobre mulher! Do que você precisa é de mais comboios...

— Engano, meu senhor! — respondeu imediatamente a muihersinha. — Deixe-me as noites livres que eu roncarei de ponta a ponta! Enquanto não puder dormir descansada com alguma coisa, tenho de me entreter...

E, por fim, o ministro lá lher nomeou uma ajudante para não ter que aumentar o trafego.

Elevador da Gloria

A mãe: — Meu filho, se te portares bem e estudares as tuas lições, comerás fruta ao fim do jantar...

O Joãozinho: — Muito obrigado, mas nessas condições não como a fruta...

* * *

Numa pensão:

Ela: — O quarto convem-me. Aqui tem o meu cartão: «Paulina de Sousa, professora de piano».

A patrão: — Primeiro preciso ouvi-la para saber se sabe tocar piano...

* * *

Marido e mulher:

Ele: — Já viste os ratos que morreram esta noite cá em casa? Mais de dez!

Ela: — Que diabo seria?!

Ele: — Devem ter comido o pudim que ontem fizeste segundo a receita do teu livro de cosinha...

* * *

— Homem, que alegria em vê-te! Já lêste o meu ultimo livro?

— Se é o ultimo, aceito o sacrificio...

* * *

— Diga-me uma coisa: o senhor acredita no poder que tem o olhar humano sobre os animais ferozes?
— Acredito, sim, senhor! O poder do olhar é utilissimo para vê a fera aproximar-se e ter tempo de fugir dela ...

* * *

Ideias confusas:

O medico: — O seu marido, sr. Gertrudes, está padecendo de varias doencas. Preciso primeiro fazer-lhe um diagnostico.

A Gertrudes: — Pode fazê-lo de um pedaço de cambrala velha, sr. doutor? Não tenho nem um bocado de flanela em casa ...

* * *

O Bernabé: — Minha idolatrada esposa! Se eu morreu primeiro que tu, manda-me cremar...

A esposa: — Pois sim! Mas que hei de eu fazer se não morreres primeiro?!

* * *

— Dizes que ganhaste dinheiro com o teu primeiro livro de versos. Não acredito!

— Pois asseguro-te que ganhei!

— Estás a mentir!

— Não estou. Meu pai deu-me cinco contos de réis com a condição de não publicar outro...

* * *

Ele: — Quere, então, casar comigo?

Ela: — Não! Eu sou muito sua amiga!...

A homenagem ao dr. Sá Oliveira



Alguns dos assistentes, antigos alunos do Liceu da Lapa: Martins Barata, dr. Sertorio Sena, Luiz Figueira, João de Sousa Fonseca, Otero Ferreira e dr. Maciel Chaves

(Croquis de Teixeira Cabral)



Se *Retardador* não fosse um nome de estinação, com gloriosas tradições de família que se perdem na noite dos tempos — um dos meus preclaros avoengos, tataravô dum cunhado da sogra do Padre Antonio Vieira, morreu heroicamente por ter ingerido o hiposulfito destinado a revelar o negativo do documentário da batalha de Aljubarrota —, se muitos séculos de lutas e de constipações me não ligassem indelévelmente a um nome justamente celebre, aproveitava esta ocasião única para me crismar.

Assim, gostosamente passaria a ossinar estas crônicas com um novo pseudônimo: *O Homem que ri*.

Réplica de Pamplinas. *O Homem que ri* só teria uma missão alegre nesta triste vida: rir. Rir de tudo e de todos, não com o trágico esgare de Gwinplain e muito menos com a careta irritante de Conrad Veidt, mas com o riso franco e descaído do filósofo ocêzeiro que *ridendo, castigat mores*.

Seria o *Homem que ri* das fitas empoladas, cheias de pretensões, com muito mais metros que talento, e que, oriundas de Portugal ou do estrangeiro, só se podem receber à gargalhada.

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Seria o *Homem que ri* do público pedante, papalvo ou histerico, que julga perceber o que não percebe, apreciar o que não aprecia, que olha para Charlot como boi para palácio e para Greta Garbo como palácio para boi.

Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!...
Seria o *Homem que ri* das críticas de provincia, sentenciosas, incompetentes e raiões, que julgam fazer uma grande afirmação declarando, com superioridade: Italiano, bem. Fotografia, boa.

Uh! Uh! Uh! Uh! Uh!...
Seria o *Homem que ri* das asneiras e dos vigários da publicidade, que julga meter um pau por um olho ao público e mete um certificado de incompetência e de aldrabice para juntar ao cadastro.

Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!...
Seria finalmente o *Homem que ri* dos distribuidores ingenuos, dos exibidores condescendentes, dos produtores botas-de-elástico, dos cinefilos exaltados, das estrelas arrebatadas, dos azes falsificados, dos realizadores emproados, dos operadores encravados, dos presentes, dos ausentes, dos outros — e de si proprio. Porque sempre ouvi dizer que a hilaridade bem entendida começa por nós.

Uh! Uh! Uh! Uh! Uh!...
* * *
O *Homem que ri* calias. O *Homem que risse* (teria muito de que rir se começasse a rir na semana passada).

O Tivoli pegou no filme do Gaston Ravel e chamou-lhe um *Figaro*. Mas também houve quem lhe chamasse um *Vigaro*, porque já estamos fartos de ver o Tomy d'Algy e os anúncios disseram que era a estreia daquela artista em Portugal.

Agora — chama pela Mãe.
O Club 73 abriu fóra das zonas de jogo, no São Luís. Apesar da guerra aos pontos, o filme ganhou os pontos do match com o público e com a crítica.

No Odéon, *O Jardim de Allah* não passou dum jardim de inverno bom para o verão. Não sabemos se *allah* fitas melhores. Se não há lá val tudo por ali abaixo. OAI!

Mas o tempo não está para risotas, e continuemos a ser, tristemente...

RETARDADOR.

TAC-TAC-TAC

O campo da Paz

É exactamente agora, ao dealbar do novo ano, que aparecem as mais pessimistas previsões sobre o socego da Humanidade.

Os jornais de expansão mundial espalham aos quatro cantos da terra a voz soturna dos novos *Velhos do Restelo*, clamando vaticínios cruéis aos castos ouvidos dessa nova Palas Atência que é a Sociedade das Nações.

E como se falou na S. D. N., vem a proposito contar-lhes uma pequena graciosa historia que me foi comunicada por um dos nossos mais ilustres diplomatas.

Depois de agitada e longa discussão, haviam os membros de uma das comissões da grande Assembleia chegado à luminosa conclusão de que a Paz do Mundo seria, de então para diante, tão fixe como o proprio *Sempre Fixe* e tão indiscutível como a propria infalibilidade do Papa.

Após os diversos discursos de congratulação, em que todos os oradores se atribuíam gentilmente uns aos outros a fórmula definitiva com que brilhantemente ficara enunciado o triunfal Principio, assentou-se que no dia seguinte se realizaria um *banquete*, expressão maxima das grandes verdades, desde o celebre *Banquete de Platão* até aos nossos dias.

* * *
O *banquete* — ou, mais propriamente, o almoço — decorrerá algo frio na correção apumada do protocolo. Fintos os brindes oficiais, porém, a conversação animou-se e, a hora dos licores capitulosos, já os quatro diplomatas se haviam estirado nos *maples*, falando com volubildade nos mais variados assuntos.

Foi então que o francês, semi-cerrando voluptuosamente os olhos, contou o sonho que na ultima noite tivera.

— Sonhei — narrava ele com beatífico sorriso — que numa vasta planície toda florida, uma figura de mulher, chegando pelo ar como um arcanjo, estendera sobre o enorme campo a bandeira do meu país. Quando de novo ia

levantar o vôo, explicou-me: «Este é o fecundo Campo da Paz do Mundo, que floresce sob a egide desta nobre bandeira».

Logo o delegado americano, escancarando a bóca glabra num riso franco, interrompeu:

— Curiosa coincidência! Eu também tive esse sonho, talqualmente como o meu caro colega. Sómente, depois, vi cair do céu um chapéu alto com as estrelas da União, poitando sobre a sua bandeira.

O delegado italiano interveio, apopletico:

— Eu também tive esse mesmo sonho. Simplesmente mais completo. Porque, apenas o chapéu alto estrelado assentara sobre a bandeira, surgiu a pomba branca do Lacio, que docemente veio poisar sobre o chapéu da União.

Ao lado, fumando vagarosamente um enorme charuto, o alemão escutava-os sorridente.

— E o nosso excelente colega — perguntaram-lhe simultaneamente os francês, o americano e o italiano — não sonhou nada?...

O alemão sorriu mais abertamente e declarou com malícia:

— Eu também sonhei coisa muito parecida; mas não lhes conto o meu sonho porque já sei que não vão gostar dele.

— Ora, isso não importa! — disse o americano — sonhos, afinal, não passam de sonhos...

— Conte lá, conte lá! — pediram os outros dois.

O alemão acedeu e contou:

— O meu sonho foi exactamente como o do meu gentil colega italiano; mas teve um desenlace bastante singular. Calculem que ainda a pomba não tinha tido tempo de poisar no chapéu, já surgira uma aguiá que, despenhando-se do alto, caiu sobre a pomba branca e devorou-a. Breve, porém, sentiu os efeitos do grão de Ricino com que a pomba fóra alimentada. Afrita, aliviou-se da colica dentro do chapéu alto e limpou-se á bandeira para não sujar as flôres perfumosas do Campo da Paz, onde serenamente ficou a passear.

Cirano de Velhofrac.

Os agentes patogénicos

na urina e em especial nas vias urinarias são a causa frequente de graves doenças e ameaçam constantemente a saúde e os órgãos internos. Combatendo-os evitam-se os perigos. Os

Comprimidos de
Helmitol



destroem as bacterias da urina, ao mesmo tempo que são bem tolerados pelo organismo. Com o seu emprego desaparecem o tenesmo, as dôres e as urinas turvas. Com gosto são sempre tomados estes comprimidos devido ao seu agradável sabor. Onome "Bayer" garante o valor do preparado.

Consulte o seu medico.

Historicas

Estando o nosso D. Pedro I aquecendo-se á chaminé e sentindo que esta ardia mais que o conveniente, mandou a um moço fidalgo que se collocasse deante. Este, ainda que o fogo crescesse tanto que lhe queimou as costas, não se moveu.

O rei, sentindo o chamusco, mandou que se arredasse, e admitiu tanto a sua coragem que lhe fez mercê da vila de Almeida.

Estando também á chaminé o rei D. Manoel, o *Venturoso*, e vendo que um moço fidalgo se lhe punha deante, disse:

— Tira-te, que Almeida já está dada.

* * *

Conta Alberto Pimentel que Bocage tinha sido recebido em casa de Tomé Barbosa de Figueiredo, que lhe dava a mais cordial e franca hospitalidade, que lhe fazia oferecimentos de dinheiro, que lhe proporcionava, finalmente, todas as condições de bem-estar.

Tomé Barbosa de Figueiredo sentia-se muito honrado com a co-habitação de Bocage, e Bocage parecia ter chegado ao ideal da sua felicidade. Contudo, uma bela manhã, Bocage bateu á porta do seu amigo e disse-lhe que agradecia todos os obsequios que lhe havia proporcionado, mas que era obrigado a retirar-se.

— Porquê? — perguntou-lhe Figueiredo.

— Porque conheço os seus defeitos, e sinto uma invencível necessidade de dizer mal d'elles e de si.

* * *

Gonçalo Var de Castelo-Branco dizia que não havia gosto maior que ter hospedes, pela alegria que deixavam quando se despediam.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleções completas dos dois primeiros anos, devidamente encadernadas, cada Esc. 50\$00. Coleção do 3.º ano, Esc. 40\$00.

Para a provincia acresce o porte do correio.

Quereis dinheiro?

Joga! no

Lama

Das 10 horas, 11 - 12 horas

Sempre sortes grandes!

Pontes de passagem

Verificadas e discutidas as sondagens a que se tem procedido durante os últimos dias, no Tejo, a Repartição Hidrográfica do Progresso — por grosso, indiscutivelmente — anunciou que amanhã, se Deus quizer, deverá estar feita a ponte, a celebre ponte de passagem, que liga — é o ligas! — Lisboa a Cacilhas.

Mas, como porventura as vozes de burro — da banda de lá, bem entendido — não chegarão ao céu da boca dos engenheiros de cá — a ponte, a despeito da propaganda turística feita na capital, não passará do gran-desejo do sr. dr. José Pontes, que é um grande passarão, nestas coisas de Terra e Mar — desportivamente falando. Na sua modalidade de parlamentar, temos dito... Já não ha Grupo possível. Os bons jogadores entenderam por bem em passar á reserva... política do Boa União Vermelha Sport Club.

* * *

Vamos, agora, a outra ponte de passagem.

Os homens, segundo a filosofia de Zarathustra, que não os soube compreender, isolando-se nas florestas virgens da Magdalona, continuam a conspirar contra as mulheres, votando-as a roçar nas roças do tio Gregório, que o ostra... scismo está caro e, por isso mesmo, optimamente adaptada á época teatral. Enferma do mal do Pote de Agua, com prejuizo do belo Torres tinto!

Como deveremos, pois, transpôr aqui, desta cidade maldita, banhada pelo sal, — sem reclamo ao Eolo Redondo — até terra do Mêto? Outro problema a resolver, talvez, mais intrinseco do que o primeiro.

* * *

E por aqui se vê quão desprezíveis se tornam os accidentes de todas as superficies — solo, terrestre ou submarina — em relação ás dimensões dos homens da terra, os quais só pretendem desviar-se das mulheres, mesmo que da estranja sejam, em holocausto á divina arte de Terpsicore. A bom entendedor... isto servirá para calcular a ponte, embora delgada, que ha de atravessar sem perigo de cair de joelhos ante quaisquer Salomés de via reduzida!

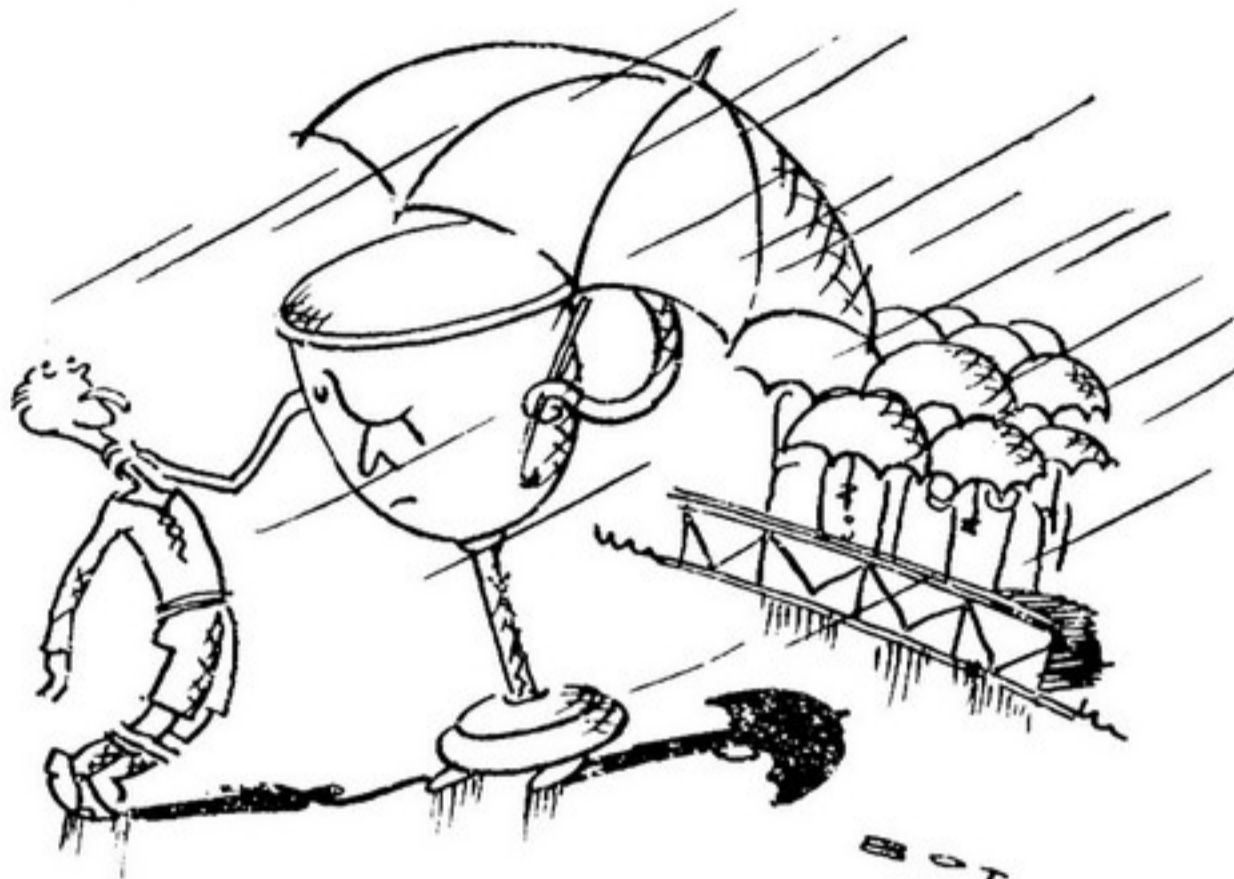
lvinho

O NOSSO GRANDE CONCURSO

DOS

SILVAS DO FOOT-BALL

Quem é este?



Meu amor é guarda-rêdes,
Passa a vida a defender.
E este Silva, como vêdes,
Guarda as rêdes a valer.

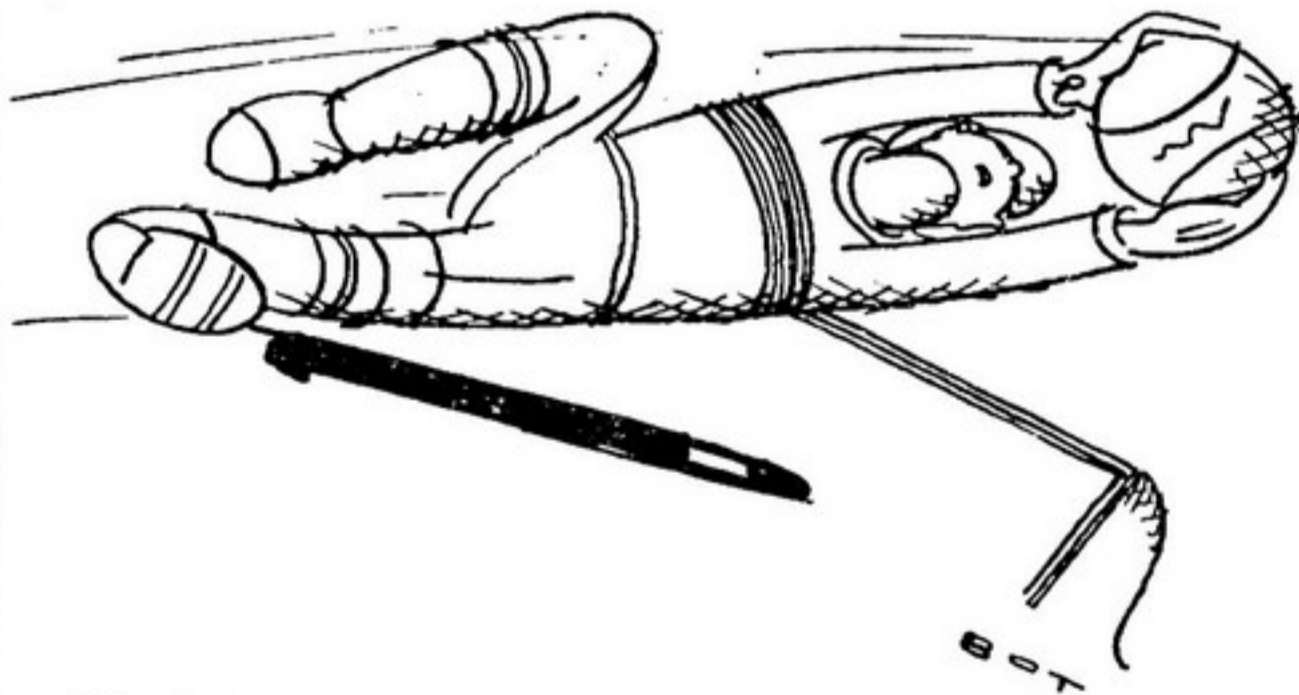
P'ra ele, um penalty é canja,
Mais do que canja, galinha.
E quasi sempre se arranja
P'ra não entrar a bolinha.

Um freekek nunca entra,
Se shootam, não entra nada.
E quando algum ponta centra,
E' logo a bola encaixada.

Tem um bom golpe de vista
E nas cargas não é péco.
Em mergulhar é artista,
Mas nos mergulhos em seco.

ZÉ MARIA.

TAÇA «CRUELDADE»



Afinal é uma taça que não tem «caridade» nem dos jogadores, nem do publico, nem dos pobres...

Como se salva a vida

O José Caetano não p...
que ninguém lhe mentisse. Era uma coisa que o irritava, que o af...
quasi como uma ofensa grave. E nunca ninguém lhe entrou no estabelecimento para largar um palão que não recebesse resposta condigna.

Um dia, apareceu-lhe na loja um freguês, comprou o que tinha a comprar, encostou-se ao balcão e desapareceu-lhe:

— Quere o senhor saber? Pouco faltou para eu estar agora morto.

— E' verdade. Foi tomar um banho de mar e apareceu-me um tubarão. Assim que o vi, avancei para ele, nadando a toda a velocidade com tanta velocidade que é...
— O José Caetano enguliu em seco e retorquiu-lhe sem hesitar:

— Pior já uma vez me aconteceram a mim, que me apareceu uma baleia. Mas eu não me atrapalhei. Dei uma volta de largo, coloquei-me no flanco do cetaceo e dei-lhe um salto para cima. O pior foi que o animal, assim que se sentiu cavalgado, fez-me sentir que não dava cavalaria, metendo pelo mar fóra a toda a velocidade. Eu estava tranquilo, é claro, porque, estando a cavalo na baleia, nunca ela me poderia devorar. Mas a brincadeira lá-me saindo cara, porque dali a pouco já não avistava terra e ela não parava. De repente tive uma inspiração. Introduzi-lhe o dedo polegar no orificio anal e, com a mão aberta, fui-lhe dando lapa, obrigando-a a voltar para trás e a...
— E' uma doente, Maria?! E é de gravidade?...

AMORES

Uma tarde, em casa de Madame Fonseca. Quatro senhoras apenas. Fala-se de modas; por fim, a conversa recai sobre questões de amor.

Cada uma conta a sua historia e, quando coube a vez á Mariquinhas, ella tomou um ar grave e contou:

— «Tu namorava então o Francisco Pacheco que, como vocês sabem, é tímido como um cordeiro. A familia contrariava os meus amôres apenas porque o rapaz não ganhava o suficiente para me satisfazer.

Sofri, sofri essa má ventade da familia durante muito tempo sem que, todavia, deixasse de ter pelo Pacheco uma grande amizade. Como sabem, eu moro num terceiro andar e a familia, sempre na sua, não me deixava quasi abçirar da janela, não fôsse o Pacheco fazer-me qualquer sinal.

Uma tarde quiz o destino que nos pudéssemos falar. Porque a familia persistisse na birra, combinei com o Pacheco recebê-lo em casa assim que a familia estivesse a dormir. O sinal para ele subir dava-lho eu atirando á rua uma moeda de escudo. Assim, quasi todas as noites, quando tudo dormia lá em casa, eu chegava á janela, atirava a moeda e... pouco tempo depois, o Pacheco subia.

Mas uma noite...
— Mas uma noite, o quê? — interrogou uma das amigas.

— Uma noite, deram as três horas. A familia dormia. Como de costume, cheguei á janela. O Pacheco estava cá em baixo. Atirei a moeda. Esperei dez minutos. Um quarto de hora. Meia hora. E o Pacheco, nada!

Três quartos de hora depois, estava o Pacheco ao pé de mim. Perguntei: «Então não ouviste cair a moeda?» Tranquilo, o Pacheco, com um cinismo que me arripiou, respondeu: — «Perdôa-me a demora, minha filha... E' que não encontrava a moeda!...»



— E's capaz de me emprestar cinco «palhaços»?
— Isso é facil: vai ao Covões que talvez te possa emprestar alguns.

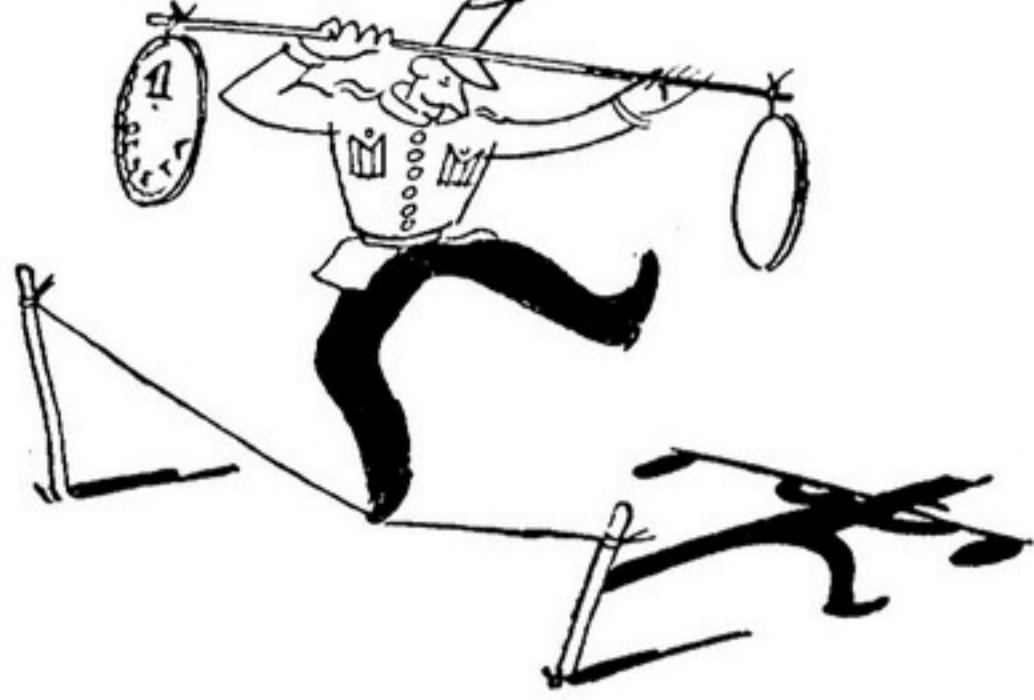


— Oh! minha senhora, isso é que nunca!...

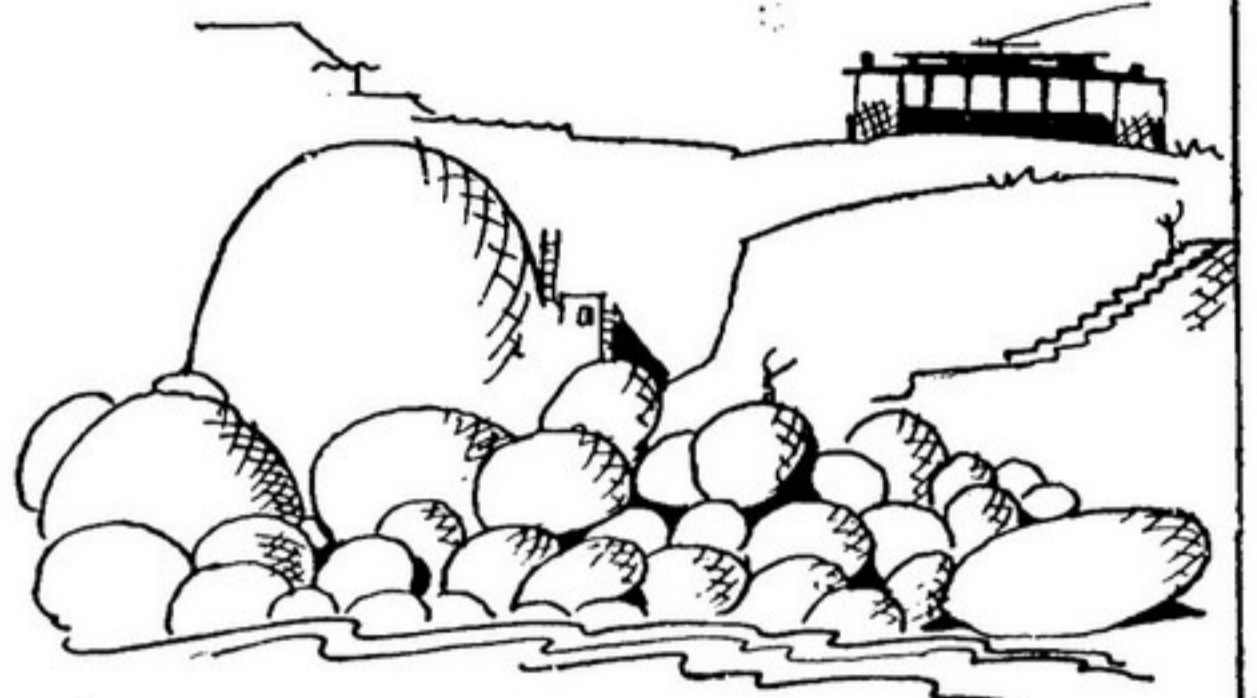
BERTI AND IRMÃS, Lda
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 36
RUA CONDESA DO RIO
LISBOA
Rua do Mundo, 115

ECOS DA SEMANA

A PESETA ESTA' CAMBÁIA E CAMBO' ACABOU POR NÃO CAMBIAR O CAMBIO CAMBADO E ESPERA CAMBALACHO



AS 'AZELHAS DO MAR' JÁ TEM TELEFONE, ESCOLA, HOTEL, CARRO ELECTRICO... EUSEI LA... SÓ NÃO TEM E AREIA NA PRAIA...



NO CONCURSO "POMBOLOFILO TIVERAM MAIOR SUCESSO OS POMBOS-CORREIOS E TELEGRAFOS E OS POMBOS-MARIOLAS, DE QUE DÂMOS EXEMPLOS.



AQUI VÊ-SE A MENINA QUE GANHOU O CONCURSO DOS BEBES NO CLUB "MAXIM'S FELIX'S CORREIA'S"



ACABARAM OS PÉS D'ALFERES

AGORA QUE OS "ALMEIDAS" TEMEM OS SEUS LINDOS FARDAMENTOS, OS ALFERES PASSARAM À PENUMBRA...



NAPOLEÃO CAIU EM WATERLOO E O WATERLOO CAIU NO ALVES DOS REIS - (ASSIM É QUE É)

AO LONGE VÊ-SE MARANG PROFERINDO UMA BONITA FRASE DE CAMBRONNE..

